

ESTRADA VELHA DO
BARRIO

PMS / FMLF	
BIBLIOTECA	
Jornal:	
Tribuna de Bahia	
Data:	
24/11/09	
Caderno:	Página:
Cidade:	12
Edição:	
Assunto:	
Bairro	



INFÂNCIA
Crianças
brincam no
parquinho
construído em
conjunto
habitacional

Fotos: Agecom/Alberto Coutinho

Nada como a casa da gente

» Na Estrada

Num terreno de quase 22 mil metros quadrados, na Estrada Velha do Barrio, foram construídos 22 apartamentos e 58 unidades tipo village construídos pelo PMS e FMLF.

maiores necessários. O terreno. Todos, como José Augusto da Cruz, 43 anos, viam

BAHIA TEM POLÍTICA DE HABITAÇÃO

© Programa Casa da Gente já entregou 17 mil unidades habitacionais no estado e tem mais 23 mil em construção. A iniciativa do programa faz parte da política de habitação do estado e realiza serviços de urbanização em comunidades tradicionais e de baixa renda, construção de casas e regularização fundiária. Além disso, realiza mediação de conflitos gerados pela disputa de moradia e dá assessoria técnica para projetos de habitação.

Em 2007 foram promovidas 16 audiências públicas, envolvendo os 26 territórios de identidade da Bahia, com o objetivo de acolher proposições dos mais diversos setores da sociedade à Política de Habitação de Interesse Social (Pehis). Da maratona, da qual participaram cerca de três mil pessoas, surgiu a Lei Estadual 11.041, aprovada por unanimidade pela Assembleia Legislativa e sancionada pelo governador Jaques Wagner em 7 de maio do ano passado.

Junto com a Pehis, foi criado o Fundo Estadual de Habitação de Interesse Social e seu conselho gestor, instância decisória que agrega os diversos setores envolvidos na questão habitacional, como movimentos de luta por moradia, empresários e gestores públicos. Com o novo arranjo institucional do Estado, que envolve a criação do Conselho Estadual das Cidades e suas Câmaras Técnicas, a Bahia finalmente está sincronizada à política federal, criando as condições necessárias para o avanço da política

Nada como a casa da gente

» Na Estrada Velha do Aeroporto vivem 242 famílias no Conjunto Habitacional Antônio Conselheiro, exemplo de como a casa própria resgata a dignidade das pessoas

Num terreno de quase 22 mil metros quadrados, na Estrada Velha do Aeroporto, em Salvador, há seis anos não havia nada além de uma ocupação desordenada de barracos. Hoje, ali estão abrigadas com dignidade 242 famílias do Conjunto Habitacional Antônio Conselheiro. A denominação foi escolha dos moradores, provavelmente inspirados pelo messianismo do beato que profetizava: "o sertão vai virar mar, o mar vai virar sertão". Afinal, a terra vazia virou um lar.

A comunidade igualitária sonhada por Conselheiro no sertão da Bahia, em Canudos, sucumbiu massacrada pelas armas do Exército a serviço da República que se julgava ameaçada pela pregação dos crençes. Mas o sonho das dezenas de sem-teto foi realizado traduzido em 23 blocos com 184

apartamentos e 58 unidades tipo village construídos pelo Programa Casa da Gente, bancado pelo governo estadual por meio da Secretaria de Desenvolvimento Urbano (Sedur).

Essa história começou em 2003, quando algumas famílias ocuparam a área na Estrada

Sonho de centenas de sem-teto foi realizado em 23 blocos com 184 apartamentos e 58 unidades tipo village

mais necessitados.

OCUPAÇÃO: As famílias beneficiadas com as unidades do Conjunto Habitacional Antônio Conselheiro têm origem no Movimento dos Sem-Teto de Salvador (MSTS). Muitas já ocupavam a própria área do

terreno, mas outras estavam em assentamentos diversos. João Gomes de Souza, 48 anos, foi um dos responsáveis pela organização do assentamento na

Estrada Velha do Aeroporto. Ele lembra que os primeiros barracos começaram a ser erguidos em 2003.

Durante a construção do conjunto habitacional, os moradores continuaram na parte bai-

xa do terreno. Todos, como José Augusto da Cruz, 43 anos, vieram com ansiedade a realização, tijolo a tijolo, do sonho da casa própria. "Não tinha nada, nem água nem energia. Convivíamos com ratos e cobras. Nossos filhos sempre estavam expostos ao perigo", conta hoje ao lado da mulher, Cláudia, e das crianças.

Hoje, a vida em comunidade corre tranquila. As crianças brincam despreocupadas num parquinho. Numa área próxima ficam uma quadra de esportes e uma pequena praça, onde os moradores se reúnem para a diversão e também para debater assuntos de interesse da comunidade. A luta comum pela moradia reforçou os laços e favoreceu a organização comunitária. Mutirões periódicos dão conta de manter o local limpo. A união e a solidariedade são componentes da vida diária da comunidade.

ado o Fundo Estadual de Habitação de Interesse Social e seu conselho gestor, instância decisória que agrega os diversos setores envolvidos na questão habitacional, como movimentos de luta por moradia, empresários e gestores públicos. Com o novo arranjo institucional do Estado, que envolve a criação do Conselho Estadual das Cidades e suas Câmaras Técnicas, a Bahia finalmente está sintonizada à política federal, criando as condições necessárias para o avanço da política de habitação.

RESOLVENDO CONFLITOS FUNDIÁRIOS

A Sedur, responsável por gerir a política estadual de habitação, deu continuidade a todas as obras iniciadas na gestão anterior e intensificou a captação de recursos para habitação junto ao governo federal e instituições internacionais, como os Bancos Interamericano de Desenvolvimento (BID) e Mundial (BIRD), dando-se prioridade às famílias com renda mensal de zero a três salários mínimos, faixa em que se concentra a maior parte do déficit.

Outra linha de ação é a intensificação da regularização fundiária e da mediação de conflitos fundiários urbanos. As questões de moradia não são mais tratadas como caso de polícia. O governo atual busca sempre a negociação e o diálogo para resolver um dos problemas sociais mais graves da sociedade: a falta de moradia. O déficit do estado, estimado em 657 mil unidades, atinge 1 milhão e 100 mil, considerando-se a necessidade de novas construções e melhorias habitacionais.

DIGNIDADE

Os imóveis têm dois quartos, sala, cozinha e banheiro. São pequenos, é verdade, mas decorados com simplicidade e capricho. Nas janelas, é comum um vaso de planta. Moradores como Maria de São Pedro Sousa, 60 anos, conseguem fazer um cercado numa pequena área na frente da casa. Ali, ela planta até algumas ervas medicinais para fazer chás, seguindo receitas da medicina popular. O que não falta em nenhum imóvel é um aparelho de televisão.

A maioria dos moradores é desempregada e vive de biscoitos ou da reciclagem. Alguns são aposentados. É o caso de Maria de Lourdes Pereira Nascimento, 75 anos, que, antes de acampar na área, morava com parentes. Ela foi morar no assentamento com três filhos e quatro netos. E rememora sem saudades o tempo em que a chuva derrubava os barracos: "A moradia agora é boa. Tenho um teto para me proteger do

sol e da chuva".

A parceria do governo estadual com a Caixa Econômica Federal possibilita que as prestações fiquem entre R\$ 35 a R\$ 45. O sentimento de posse está presente na fala de todos os moradores: "Estamos seguros porque aqui é nosso". A constatação é de Anísio Nascimento dos Santos, 56 anos, filho de Maria de Lourdes. Casado com Maria da Conceição Lessa da Silva, também 56 anos, ele obtém renda com a venda de materiais recicláveis.

É Anísio que sintetiza com clareza o que a casa própria simboliza e representa na vida dos ex-acampados num terreno abandonado na Estrada Velha do Aeroporto, hoje Conjunto Habitacional Antônio Conselheiro. Emocionado, ele diz: "Agora temos água e luz. Temos vizinhos. A convivência aqui não tem comparação com o acampamento, onde vivíamos esquecidos".

R\$6,2 MILHÕES É O CUSTO TOTAL DA OBRA



SATISFAÇÃO

José Augusto comemora ao lado da família a realização de um sonho